

ENTRE O FEITIÇO E O INOMINÁVEL

Marlon Miguel, Paula Padilha, Rodrigo Brum

Em sua décima primeira edição, AO LARGO segue na intenção de abrir espaço, de propor reflexão, de criar brechas para a ação. Como o tecido capaz de enriquecer nossa experiência é a cultura, a educação e a arte, reafirmamos a importância do debate – do exercício do pensamento de diferentes perspectivas que ajudem na invenção de novas pontes entre ideias, pessoas, línguas, países. Nessa edição, a dialética recorrente entre os artigos avança numa zona de fronteira, ainda silenciosa, lá onde o conceito não se estabeleceu como norma.

O primeiro artigo de Carlos Machado investiga o lugar do sujeito quando o espírito não está presente, quando a ação tem um caráter “inato” e sem finalidade. Trata-se desse lugar do humano diante da animalidade e inserido na natureza. Partindo do pensamento de Gilles Deleuze sobre natureza e cultura, e de Fernand Deligny em seu trabalho com crianças autistas, Machado aponta para o nexo que conecta o natural ao artificial, que “estabelece o homem como esse sujeito que ultrapassa os instintos a partir da reflexão de suas tendências,” [...] “pois o organismo do homem não caracteriza uma natureza humana ou um sujeito, mas deverá recebê-la na sequência dessa construção imaginativa artificial.”

Luana Fúncia propõe uma investigação sobre o caráter inominável da atividade artística. Para além da ingenuidade do gênio romântico, o artigo interroga a possível relação entre arte e genialidade na medida em que o transbordamento – inominável – característico do fazer artístico poderia conduzir a uma desmedida típica da loucura. Fúncia reflete sobre a ordem do inominável na atividade artística, uma grandeza que escapa à apreensão do sujeito e seu senso comum, e cuja complexidade permanece irreduzível portanto ao plano do discurso. “Há um campo inventivo que caracteriza tanto a arte quanto a filosofia, em que o hábito é criador, mas a criação se dá principalmente na passagem de ‘tornar-se estrangeiro a si’, de modo que o artista é um ‘inventor de afetos’, assim como o filósofo.”

O quanto se perde e o quanto se transmite na tradução entre as línguas, entre países e culturas, entre Ocidente e Oriente, é o tema do artigo de Iracema Dulley, uma vez que a própria fixação em outra língua carrega em si o peso da instabilidade. Dulley faz uma profunda reflexão sobre a relação entre tradução e fetiche. Como, a partir da tradução da palavra “feitiço” de língua portuguesa derivada do latim *factitius*, o termo foi assimilado na cultura europeia. “Antes, uma vez que a conceitualização, como a tradução, depende do deslocamento, com suas continuidades e rupturas, ‘feitiço’, *umbanda*, *owanga*, ‘fetichismo’ e ‘fetiche’ só fazem sentido como parte de uma cadeia de disseminações.”

João Vilhena colabora com um belo ensaio sobre o poeta português Gastão Cruz em que investiga a relação do corpo e suas intensidades com a poesia. Se a palavra poética não alcança a potência da emoção é preciso reinventar a linguagem. Pois o que move e emociona é a palavra exata, na transferência da tensão do corpo para o poema – o desejo aparece aqui como dispositivo de escape à marcha do tempo. “Do mesmo modo que o corpo não consegue deter o amor (o desejo), não pode impedir o efeito igualmente incinerador da poesia.”

O artigo de Amina Elhalawani analisa o teatro do absurdo de Samuel Beckett, sua recepção no Egito, praticamente contemporâneo de sua recepção no Brasil, e a reverberação em dois dramaturgos egípcios. Ressaltando o contexto político e social, mostra a sobreposição da vida cotidiana e individual à vida do país, alterna o que se considera absurdo e o que se considera realidade, e propõe o absurdo como uma forma de confrontar a violência de um regime autoritário. “O ensaio analisa a peça de Tawfiq Al-Hakim *Masir Sursar* [*O Destino de uma Barata*], assim como a peça de Salah Abdul Saboor *Musafir Layl* [*O Passageiro Noturno*] na forma como essas obras desenvolvem temas como aprisionamento, livre-arbítrio, sofrimento, existencialismo e opressão. Ambas expressam um certo desejo humano universal pela liberdade, e ao mesmo tempo são específicas de um contexto econômico e político muito particular.”